

> Licença para errar

Numa iniciativa para encorajar os cientistas a inovar mais, a China prepara uma legislação voltada para regular o fracasso em pesquisas. Um projeto de lei proposto pelo Ministério da Ciência e Tecnologia do país vai permitir que seus pesquisadores reportem malogros sem que isso atrapalhe suas chances de obter recursos futuros.

“O desempenho no laboratório tem um efeito dominó em outros quadrantes da vida dos cientistas, como promoções, salários e benefícios sociais. A fogueira é quente quando eles falham”, disse à revista *Nature* o geocientista Cheng Guodong, que trabalha num instituto de pesquisas da província de Gansu. Segundo o rascunho da lei, o insucesso de um projeto de pesquisa não pesará no currículo dos cientistas, desde que eles demonstrem que trabalharam de forma apropriada. O pano de fundo é a mobilização da China para multiplicar sua capacidade inovadora,



considerada insuficiente para manter as altas taxas de crescimento do país. O governo acredita que o medo de falhar esteja levando os cientistas a acovardar-se diante de desafios, sem falar nas recorrentes fraudes que eles cometem para esconder resultados ruins. Para muitos pesquisadores, a ineficiência do sistema de avaliação é uma causa importante para o baixo desempenho. “Não há um mecanismo capaz de garantir que fraudes sejam punidas”, diz Bai Lu, neurocientista chinês radicado nos Estados Unidos.

> Apoio aos exilados da guerra

A Fundação Bill & Melinda Gates está ajudando 150 pesquisadores iraquianos a retomar suas carreiras no exterior, principalmente na

vizinha Jordânia. Uma dotação de US\$ 5 milhões será destinada à vertente iraquiana de um fundo criado em 2002 por grandes investidores de Wall Street para ajudar acadêmicos de países conflagrados,



administrado pela organização Instituto para a Educação Internacional (IIE, na sigla em inglês). A fundação do casal Gates é conhecida por destinar US\$ 33 bilhões para a pesquisa de doenças como a malária e a Aids. Centenas de professores iraquianos deixaram o país, tangidos pela violência – um carro-bomba na Universidade de Bagdá matou 70 pessoas neste ano. “A ciência iraquiana vive um holocausto”, disse ao jornal *Financial Times* o presidente do IIE, Allan Goodman.

> Disney versus universidade

Pesquisadores da Universidade de Washington, em Seattle, compraram uma briga ruidosa com os estúdios Disney. Um estudo feito por especialistas em pediatria da instituição mostrou que a exposição de bebês a DVDs e vídeos supostamente voltados para estimular suas habilidades verbais, como a série *Baby Einstein*, da Disney, produz efeito contrário: os espectadores com idades de 8 a 16 meses



P. VIROT - OMS

Criança com malária na Etiópia: laboratório avançado

tiveram um desenvolvimento de linguagem mais lento que o de outras crianças. Robert Iger, Ceo da Disney, foi duro no contra-ataque e exigiu retratação. “A metodologia do estudo é duvidosa e suas conclusões, não confiáveis”, disse. A universidade, porém, defendeu a fidedignidade dos resultados da pesquisa. A polêmica deve render combustível para o julgamento de uma queixa apresentada em 2006 a uma comissão federal contra a Disney por uma entidade que combate a exposição das crianças ao *marketing*. A queixa tem o aval das academias norte-americanas de pediatria e de psiquiatria para crianças e adolescentes.

> Legião estrangeira

Os estrangeiros tornaram-se um pilar fundamental da pesquisa realizada no Reino Unido em ciências e engenharias. Segundo um relatório do governo britânico, mais de um quinto dos alunos de pós-graduação dessas áreas vem de outros continentes e só 29% são britânicos. Preocupa o governo não a invasão estrangeira, considerada saudável, mas a proporção cada vez menor de talentos nascidos do país. “O grande desafio é construir um ambiente capaz de atrair mais jovens britânicos”, disse à agência *BBC* Geoffrey Crossick, um dos responsáveis pela pesquisa.

> Ciência de ponta para a África

A Universidade da Cidade do Cabo, na África do Sul, abriga desde o mês passado um laboratório criado para pesquisar problemas de saúde e de segurança alimentar que atingem o continente africano. As instalações são o terceiro braço do Centro Internacional de Engenharia Genética e Biotecnologia (ICGEB, na sigla em inglês), entidade ligada às Nações Unidas voltada para pesquisa, treinamento e transferência de tecnologia. A sede do instituto fica em Trieste, na Itália, e há um segundo laboratório em Nova Délhi, na Índia. “Vamos usar ciência de ponta para encontrar soluções africanas para problemas africanos”, disse à agência de notícias *SciDev.Net* o diretor do laboratório Iqbal Parker. Três linhas de investigação já foram definidas e vão envolver cerca de 25 pesquisadores. A primeira destina-se ao estudo de doenças infecciosas como a Aids, a malária, a tuberculose e a leishmaniose. A segunda vai ater-se a outras doenças, como diabetes, cardiopatias e câncer. A terceira terá como foco a biotecnologia agrícola.



ILUSTRAÇÕES LAURABEATRIZ

Em defesa dos beduínos



TINQOAH/SH

De origem nômade, há 160 mil beduínos divididos entre o deserto e subúrbios em Israel

O ministro da Ciência e Tecnologia de Israel, Ghaleb Majadle – o primeiro ministro muçulmano do país –, reabriu um centro de pesquisa voltado para os árabes beduínos que habitam o sul do país. O laboratório, localizado em Hura, no deserto Negev, havia funcionado por três anos, mas fechou no início de 2007 por falta de verbas. Os beduínos são um grupo indígena muito pobre que representa cerca de 12% dos árabes palestinos que vivem em Israel. De origem nômade, foram forçados a se sedentarizar e hoje vivem em tendas nos subúrbios. “A comunidade dos beduínos forma um enclave de uma série de problemas sociais, econômicos, médicos e ambientais, que carece de um esforço de pesquisa concentrado e integrado”, disse à agência *Sci.Dev.Net* Avinoam Meir,

professor da Universidade Ben-Gurion. Segundo o jornal *Jerusalem Post*, o ministério já vai garantir fundos para o centro pelo próximo ano para a condução de estudos em áreas como agricultura no deserto, tecnologia, saúde e educação.

> Chamada para ir à Lua

O *site* de buscas Google vai oferecer US\$ 30 milhões ao grupo privado que conseguir enviar uma sonda à Lua. O Google Lunar Prize terá várias faixas de premiação. São US\$ 20 milhões ao primeiro grupo que mandar ao satélite um veículo de exploração não tripulado, que terá de realizar um percurso de pelo menos 500 metros de extensão na superfície

do satélite e transmitir imagens em vídeo à Terra, antes de 31 de julho de 2012. O prêmio cai para US\$ 15 milhões caso o pouso seja realizado até 31 de dezembro de 2014. O segundo colocado da corrida receberá US\$ 5 milhões. A iniciativa é organizada pela X Prize Foundation, responsável pelo Ansari X Prize, de US\$ 10 milhões, que estimulou uma corrida entre empresas privadas para criar espaçonaves tripuladas. Foi conquistado em 2004 pelo projetista aeronáutico Burt Rutan e pelo investidor Paul Allen, por dois vôos do SpaceShipOne. “Nossa esperança é educar o público e mudar suas percepções quanto à Lua”, disse Peter Diamandis, um dos responsáveis pela fundação, em entrevista à agência *Reuters*.

PESQUISA FAPESP ONLINE

Acesse nosso conteúdo exclusivo em www.revistapesquisa.fapesp.br



Pesquisa **Brasil**

Toda segunda-feira a mais recente edição do programa semanal de rádio de *Pesquisa FAPESP* pode ser ouvida *on-line* ou baixada no computador.

Nossas **Colunas**



Neotrópicas

Marcos Buckeridge

> Comenta os prós e os contras de plantar árvores nas cidades para combater o aquecimento global.



Fiat lux

Vanderlei Salvador Bagnato

> Fala sobre o uso da terapia fotodinâmica para tratar infecções causadas por fungos, parasitas e bactérias.



Direto de Harvard

Antonio Bianco

> Explica como será o novo sistema de promoções na Harvard Medical School, que entra em vigor em 2008.